



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

CARLA RUANE RODRIGUES DE BRITO

**INFÂNCIA, CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE E QUESTÕES  
ÉTNICO-RACIAIS EM A OBRA NEGRINHA**

ABAETETUBA

2022

CARLA RUANE RODRIGUES DE BRITO

**INFÂNCIA, CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE E QUESTÕES  
ÉTNICO-RACIAIS EM A OBRA NEGRINHA**

Trabalho de conclusão de curso que será apresentado à Faculdade Ciências da Linguagem do Curso (Letras- língua Portuguesa) da UFPA - Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato

ABAETETUBA  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R696i Rodrigues de Brito, Carla Ruane.  
Infância, construções de identidade e questões étnico-raciais  
em a obra Negrinha / Carla Ruane Rodrigues de Brito. — 2022.  
XVII, 17 f.

Orientador(a): Prof. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato  
Coorientador(a): Prof. Me.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Abaetetuba, Curso de Educação do Campo, Abaetetuba, 2022.

1. Identidade. 2. Infância . 3. Etnia . I. Título.

CDD 801.953

---

CARLA RUANE RODRIGUES DE BRITO

**INFÂNCIA, CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE E QUESTÕES  
ÉTICO- RACIAIS EM A OBRA NEGRINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa. Área de concentração: Literatura.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Mest. José Rinaldo Vasconcelos Lobato (UFPA)  
Presidente da Banca Examinadora

---

Membro Interno da Banca Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por guiar meus passos ao término deste trabalho. Pela sabedoria em todo meu trajeto acadêmico e pela oportunidade da vivência acadêmica.

Aos meus pais Carlos Alberto Tavares de Brito e Maria Benedita Rodrigues por me apoiarem nos piores momentos e acreditarem no meu potencial.

Aos meus familiares em especial minha tia Maria do Socorro Rodrigues que diversas vezes ouviu minhas queixas e me estimulou a nunca desistir.

Ao meu orientador Prof. Mestre José Rinaldo Vasconcelos Lobato pela atenção, compreensão e sabedoria voltadas a mim durante o período de elaboração deste trabalho.

As amigadas que conquistei em sala de aula. Amanda Araújo, Vanessa Dias, Giovanna Magno muito obrigada por toda ajuda, conselhos e acolhimento durante todo curso.

Em especial quero agradecer a minha amiga Lucilene dos Santos Passos que foi fundamental nessa reta final, pois nunca soltou minha mão mesmo nos dias em que a desistência era a única saída e nunca permitiu que saíssemos debaixo da sombrinha.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente estiveram me apoiando e encaminhando para esse momento.

## **RESUMO**

O presente artigo volta-se para a construção da identidade étnica e cultural da infância no Brasil, abordadas na obra “Negrinha” de Monteiro Lobato. Por meio de consultas bibliográficas e comparativismos, buscou-se a compreensão do ponto de vista lobatiano sobre a personificação de infância de meninas brancas e negras entre personagens da obra Negrinha. Os fundamentos dessa pesquisa do percurso infantil na história; identidade, etnia. Nesse âmbito, as análises resultaram na compreensão da personificação de crianças infância negra e brancas, onde observa-se a invisibilidade de crianças negras e a valorização da infância branca, onde prevalece o privilégio e senso de superioridade de um grupo étnico

**PALAVRAS- CHAVE:** Identidade; Infância; etnia.

## **ABSTRACT**

This article focuses on the construction of ethnic and cultural identity of childhood in Brazil, addressed in the work "Negrinha " by Monteiro Lobato. Through bibliographical consultations and comparativism, we sought to understand Lobato's point of view on the personification of the childhood of white and black girls among characters in the work Negrinha. The foundations of this research of the childhood journey in history; identity, ethnicity. In this scope, the analyses resulted in the understanding of the personification of black and white childhood, where the invisibility of black children and the valorization of white childhood is observed, where the privilege and sense of superiority of an ethnical group prevails.

**KEY WORDS:** Identity; Childhood; ethnicity.

## 1 INTRODUÇÃO

A percepção de infância e seus conceitos abordados na atualidade nem sempre existiram, nada mais são dos resultados da evolução histórica da sociedade, onde tem se adaptado a influência e novas exigências das organizações políticas, econômicas e sociais que estão em posição de poder. Portanto, é válido analisar a trama histórica que envolve questões ético-culturais na infância de crianças brancas e negras no Brasil, através de análise comparativa das personagens infantis do conto “Negrinha” de Monteiro Lobato (1920).

Na trama datada da década de 20 as personagens “Negrinhas” e “Netas de Dona Inácia”, exploram complexibilidade sociais de toda uma época, período esse que era marcado pela abolição da escravatura em território nacional. No entanto, algumas questões permaneceram as mesmas sendo obscuras em análises históricas, culturais e sociais. Principalmente quando tratam da infância de crianças negras e brancas na história do Brasil, do ponto de vista que as relações sócio-culturais obtiveram modificações e contribuíram para expor o posicionamento ideológico de um grupo social. A apresentação das crianças lobatianas na obra trata-se como importante arquivo histórico e fonte de pesquisa no âmbito da literatura infanto-juvenil e adulta, trazendo reflexões que envolvem a história da infância no Brasil a partir de questões sociais e ético-raciais. Sabemos que a história da criança é registrada a partir do olhar dos adultos, pois a criança não pode registrar sua própria história. Se fosse o caso de darmos voz a essas crianças, certamente ouviríamos histórias de crianças relatando momentos de alegria, encontrados no amor da família, no direito respeitado, nos espaços para brincadeiras, enfim, nos encantos de sua vida, a partir da vivência de situações agradáveis e felizes. Por outro lado, ouviríamos, também, histórias de incompreensões sofridas, tristezas, atos de injustiça, violência física e moral, desamparo, enfim, os desencantos com a vida a que um grupo grande de crianças está exposto. Diante disso, temos uma indicação de que a infância não acontece da mesma forma para todas as crianças e as histórias se diversificam a cada experiência

Portanto, foi por meio da análise comparativa dessa específica obra lobatiana, bem como do contexto histórico-cultural em que estava envolvido o autor, que buscamos compreender como Monteiro Lobato representa a infância de meninas negras e não negras em seu livro “Negrinha” e em que aspectos diferem e/ou convergem com a cultura e os modos de subjetivação da infância.

## 2 DESENVOLVIMENTO

## 2.2 A infância

Na atualidade assuntos relacionados à infância e seus direitos estão em constantes pautas, no entanto nem sempre foram assim. É necessário que a humanidade passe por grandes períodos de transformações, partindo do ponto que o homem possui a necessidade de mudar e evoluir. Entre o século XII ao XVII o teórico Philippe Ariès deu foco à infância em suas pesquisas e obteve o foco dentro das concepções infantis passadas até chegarmos no conceito que fazemos uso nos dias de hoje. Segundo os estudos sustentados por Ariès (1981), a criança era tido como objeto substituível, uma mão de obra funcional e ativa na sociedade, pois com sete anos de idade o indivíduo era inserido ao mercado de trabalho, junto aos ofícios de seus pais ou responsáveis gerando renda para a família e cumprindo seu papel na realização de tarefas para a contribuição do bem coletivo. Dessa maneira o conceito etário era subjetivo, fora que muitos morriam prematuramente por conta de seu ambiente de convivência.

Dessa maneira, para Ariès (1981) o tratamento referido as crianças a partir dos 7 anos eram os mesmo aos adultos desde a vestimenta até a forma de entretenimento como em bares e festas, onde as mesmas tinham contato frequente com a linguagem de baixo calão e exposição a conteúdos sexuais por parte dos mais velhos, já que não havia distinção de idade na época. Ainda segundo o Ariès (1981) essas situações era ocasionadas por não se acreditava na inocência dos mais jovens, infância não era sinônimo de inocência, não se tinha distinção entre características infantis e adultas: “... no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido...” (ARIÈS, 1981, p. 51). O autor ainda frisa que por contínuos séculos o índice de infanticídios era alarmante. Pelo fato de serem substituídas rapidamente, afinal, as questões de controle natalidade nem sequer eram relevantes. O conceito maternidade e afeto nem de longe se assemelham com os de hoje, de acordo com o autor as concepções familiares eram voltadas para o social e não sentimental: “...uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco ‘pestes’, e que acabara de dar à luz: ‘Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos’...” (ARIÈS, 1981, p. 56).

As mudanças relacionadas ao cuidado infantil só ocorreu somente no século XVII, devido a persistência da igreja juntamente com os poderes público não tinham como aceitavel e normais as altas taxas de infanticídio. As mulheres seriam as únicas encarregadas por zelar pelo bem estar dos pequenos, essa nova perspectiva de proteção deu início a novas percepções

em relação a manutenção da vida infantil, “...como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa 56 importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes...” (ARIÈS, 1981, p. 61).

Dessa maneira, medidas para a segurança da criança foram surgindo, o foco principal eram as medidas de saúde, onde suas condições de higiene foram melhoradas para que futuras perdas não viessem a ocorrer. A mortalidade infantil perdia espaço como algo natural no cotidiano. No início do século XIV, devido a grande influência cristã, um novo conceito de criança surge, a criança “inocente” ou “os anjos na terra”. Segundo Oliveira: “...essa imagem da criança associada ao Menino Jesus ou Virgem Maria, causa consternação, ternura nas pessoas.” (OLIVEIRA, 1999, p. 22). Essas representações, fatores externos como as questões políticas e econômicas surtiram efeito no interior das famílias, onde os laços entre pais e filhos foram estabelecidos. Os pequenos passaram a receber educação em seus lares por seus responsáveis, o que mostra os estudos de Ariès a aparição do “sentimento de infância”, que se dá a partir de dois momentos intitulados de “apego e paparicação”.

No contexto Brasil império a presença das crianças era sucumbida em relativo a registros históricos. Segundo Mary Del Priore (2018, p. 84), “O certo é que, na mentalidade coletiva, a infância era, então, um tempo sem maior personalidade, num momento de transição e por que não dizer, uma esperança.” A infância de crianças era apenas um preparativo para a vida adulta. Como confirma Gilberto Freyre (2013, p. 499):

Os viajantes que aqui estiveram no século XIX são unânimes em destacar esse ridículo da vida brasileira: os meninos, uns homenzinhos à força desde os nove ou dez anos. Obrigados a se comportarem como gente grande: o cabelo bem penteado, às vezes frisado à menino Jesus; o colarinho duro; calça comprida; roupa preta... um ar tristonho de quem acompanha enterro. (FREYRE, 2013, p. 499)

As crianças eram mantidas apenas como seres materiais sendo preparados para futura mão de obra, sem muito agregar ou muito menos transmitir, a repressão era uma prática comum tanto física, como psicológica ou histórica. Segundo Del Priore (2018, p. 84), poucos registros foram encontrados para a concepção da criança, onde algumas eram identificadas apenas como: “Miúdos”, “Ingênuos” e infantes. Ressalta-se que essa era a realidade de crianças relativamente livres no período colonial, enquanto crianças pretas vivenciavam as condições mais desumanas do século.

### ***2.3 Infância Negra no Brasil***

Quando abordamos a questão escravidão no Brasil, automaticamente nós remete a memórias de dor, sofrimento e repressão. E isso tem uma piora significativa quando paramos para pensar na concepção de infância de crianças negras vivida nesse contexto histórico, como abordado anteriormente as condições já não eram favoráveis para crianças livres mesmo com a inserção do conceito de criança. A infância de crianças negras e escravas brasileiras é completamente negligenciada pois sua existência como ser humano era invalidada. Ressalta Costa:

Na época da Independência, os escravos viram suas aspirações à liberdade frustradas. Se bem que a Carta Constitucional de 1824 incluísse um artigo transcrevendo a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (cópia quase idêntica à original francesa de 1789), na qual se afirmava que a liberdade era um direito inalienável do homem, manteve-se escravizada quase a metade da população brasileira. A Constituição ignorou os escravos. Sequer reconhecia sua existência. A eles não se aplicavam as garantias constitucionais. (COSTA, 2010, p.16)

Essa ideia de desumanização de escravos e omissão a direitos básicos do cidadão possuía em seus princípios, além da doutrina imposta pela igreja católica, o denominado “racismo científico”. Segundo Munanga:

O racismo científico foi, de certo modo, institucionalizado com a fundação em Paris, em 1859, da Sociedade de Antropologia. Aspectos físicos passaram a se relacionar aos culturais, ou seja, pescoço, nariz, pernas, dedos e órgãos sexuais do negro foram analisados e considerados provas da sua diminuição intelectual, moral, social, política etc. (MUNANGA, 1988, p. 12 apud Jango, 2017, p. 18)

Dessa maneira, pessoas em condições de escravidão eram tidos por lei como cidadãos estrangeiros e sem direito algum a qualquer tipo de reconhecimento civil. Levando em consideração a realidade de omissão de direitos ao escravo, é notório a falta de retratação pautada em relação à infância de crianças negras e escravas no Brasil.

As crianças eram uma pequena porcentagem em relação ao processo de imigração de negros no Brasil. O foco era para pessoas jovens e saudáveis, aptas para o trabalho braçal, em sua maioria homens. Segundo Góes e Florentino (2018, p. 177), “Apenas 4% dos africanos desembarcados no Valongo, naquela época, possuíam menos de 10 anos de idade.” Vale ressaltar que as chances de uma criança pequena falecer eram relativamente muito altas, levando em relação às condições oferecidas pelos navios negreiros.

Na média as crianças representavam apenas dois entre cada dez cativos em fazendas que por vinte anos não compravam cativos, o equilíbrio entre os sexos era a norma, e as crianças poderiam corresponder a um terço da escravaria, em estabelecimentos apartados do mercado há cinquenta anos, as crianças correspondiam a quase a metade de todos os cativos. (GÓES; FLORENTINO, 2018, p. 178).

Não havia comércio exclusivo de menores negros e escravos, afinal, elas eram sinônimo de prejuízo para os compradores, visando suas limitações na execução de trabalhos. Como citado em Florentino e Goés (2018, p. 179), “As crianças que as fazendas compravam não eram o principal objeto de investimento senhorial, mas sim as suas mães, que com eles se agregavam aos cafezais, plantações de cana-de-açúcar e demais.” As crianças eram menosprezadas até na hora da compra, onde nem o sexo importava eram apenas objetos de baixo valor comercial.

No período colonial os níveis de mortalidade infantil eram altos no Brasil: “[...] o padre Gama explicava que as mulheres portuguesas teriam a princípio criado muito poucos filhos pelo elevado índice da mortalidade infantil.” (DEL PRIORE, 2018, p. 91). Várias eram as causas dessas mortes, entre elas: Alimentação inadequada (não havia distinção entre comida de criança e adultos), inadequação nas vestimentas de acordo com as estações do ano, ama de leite contaminada por doenças (com destaque para sífilis). Dessa forma os números de crianças escravas mortas eram alarmantes. Segundo Góes e Florentino (2018, p. 180), “[...] os escravos com menos de dez anos de idade correspondiam a um terço dos cativos falecidos; dentre estes, dois terços morriam antes de completar um ano de idade, 80% até os cinco anos.”

A sobrevivência dos nascidos brancos e livres já era uma questão de “roleta-russa”, as condições de crianças negras escravas era algo à margem do impossível, as condições onde se nasciam e muitas vezes com a perda de seus pais de forma brutal e frequente, colocavam a vida desses pequenos em constantes riscos. No entanto, esse grande índice de perdas de escravos representava prejuízo para os senhores. Não a critérios de compaixão, mas sim de reposição de mercadoria. Uma forma de amenizar esse “prejuízo” era extremamente violenta, o número de mulheres escravas era significativamente inferior aos de homens escravos, a estratégia contava em disponibilizar uma mulher para manter relações sexuais com vários escravos com o seguinte intuito: o primeiro era uma forma dos escravos descarregarem suas tensões dessa forma os distraíndo de sua realidade de possíveis revoltas contra seus senhores, a segunda é que a mulher era um mero objeto reprodutivo suprimindo as necessidades de seu dono a qualquer custo e circunstância, dessa forma, sendo encarregadas da reprodução de novos escravos que seriam novas forças de trabalho e ampliando o patrimônio de seus senhores.

Como um proprietário não pode, sem ir de encontro à natureza, impedir os negros de frequentarem as negras, tem-se por hábito, nas grandes propriedades, reservar uma negra para cada quatro homens: cabe-lhes arranjar-se para compartilharem sossegadamente o fruto dessa concessão, feita tanto para evitar os pretextos de fuga como em vista de uma procriação destinada a equilibrar os efeitos da mortalidade. (DEBRET, 1972, p. 196)

Nascer já sendo uma ferramenta funcional, lutar por sua sobrevivência, provavelmente presenciar a morte de seus pais, ser destituído de laços familiares e ter direitos vitais negados eram círculos que envolvia a infância negra escrava no Brasil colônia.

#### **2.4 Monteiro Lobato**

Monteiro Lobato ou José Bento Lobato nasceu no interior de São Paulo em Taubaté em 18 de abril de 1882, a princípio foi registrado como José Renato Monteiro Lobato, mas só veio a utilizar o sobrenome de seu pai José Bento Marcondes Lobato após receber uma bengala de heranças com as iniciais do mesmo. Sua família paterna sempre possuiu bens como as grandes fazendas de café em vale do rio Paraíba de seu avô, sua família materna também era rica, tratavam-se de grandes proprietários de terra seu avô José Francisco Monteiro recebeu títulos como barão e posteriormente visconde de Tremembé.

O escritor cursou o primário no colégio Paulista de Taubaté e o ginásio no colégio Coração de Jesus, ambos em sua cidade natal. Nesse período redigiu seus primeiros artigos, utilizando o pseudônimo de Josben, para “O Guarani”, o jornal estudantil da época. Mudou-se para São Paulo em 1896, concluiu os estudos no instituto de ciência e Letras, obteve destaque por suas atuações diretas nos jornais “O Patriota” e “A Pátria” e nos debates promovidos pelas sociedades literárias.

Com a morte de seu pai em 1898 e sua mãe em 1899, mudou-se para a residência de seu avô materno, que não era de acordo com seu ingresso na Escola de Belas-Artes, o que o levou a se matricular na Faculdade de Direito de São Paulo. Onde deu início ao seu curso superior em 1900, onde de imediato não obteve muita a sua atenção e conseqüentemente afetou seu currículo escolar, seu interesse era em participar frequentemente das atividades do grêmio literário. Ainda na Faculdade, deu início a associação literária, juntamente com seus colegas de estudos a intitularam de O Cenáculo, foi muito relevante para sua formação onde intercalou-se na criação do jornal “O Mirante”, produzido em Pindamonhangaba (SP) novamente contando com a ajuda de seus colegas residentes.

Formou-se em 1904 e retornou para sua cidade natal, onde dedicou-se quase dois anos de sua vida voltados para as leituras e redação de artigos para o Jornal de Taubaté. Começou a trabalhar com a intenção de um futuro matrimônio como procurador público interino da cidade em 1906, sendo promovido em 1907 na promotoria de Areia em São Paulo. Uniu-se em matrimônio com Maria Pureza Natividade em 1908, mãe de seus quatro filhos, voltou seu foco para redigir contos e artigos para os jornais do interior e também trabalhou com traduções, mais exatamente em traduzir matérias do Weekly para O Estado de São Paulo e contribuiu em outros jornais como: A tribuna (SP) e a Gazeta de notícias (RJ e DF), no entanto intuito era sair de Areias porém, esses trabalhos não era suficientes para o sustento de sua família o que levou o autor a desistir do jornalismo e sua amada literatura.

Após uma reviravolta devido à morte de seu avô em 1911, tornou-se herdeiro das posses de sua família, onde tentou dar continuidade nos trabalhos da fazenda de sua família e de seus escritos onde foi o marco de sua carreira como escritor, afinal, tinham condições de viver seu sonho. As obras infantis de Monteiro Lobato são revolucionárias na história da literatura infantil brasileira. O valor literário de seus livros para adultos ainda provoca polêmicas, mas a qualidade de suas histórias para crianças é indiscutível ainda que se discutam as ideias veiculadas nelas. Reproduzir as opiniões da crítica a respeito da obra infantil lobatiana seria tarefa longa e talvez desnecessária, em se tratando de livros há tanto tempo considerados canônicos.

### **3 DISCUSSÕES**

#### ***3.1 Negrinha: Identidade, Comparação e Representação***

As identidades são representações sociais assimiladas pelos diversos grupos sociais que compõem a sociedade, e que se processam por meio da relação do sujeito com o outro durante toda a sua vida. Desse modo, é possível afirmar que não nascemos com uma identidade pronta e acabada, esta se constitui historicamente a partir da interação e identificação das pessoas nos diferentes grupos e situações e dependerá da relação que temos com as outras pessoas (GOMES, 2001).

É necessário abordar a identidade abertamente, pois ela é superior a somente uma composição cultural, ela se encontra presente em todos os níveis da sociedade tanto de forma política, social ou histórica. “A identidade torna-se, portanto, uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados

ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2005, p. 13). Dessa maneira, buscando a compreensão mais concreta da identidade infantil de forma comparada através das personagens “Negrinha” e “Sobrinhas de Dona Inácia”.

Em Negrinha a trama gira em torno das propriedades de uma grande fazenda de senhores de escravos. Tendo como sua proprietária a senhora Dona Inácia, que mantém sob seus cuidados a pequena Negrinha escrava e orfã. Com o final do período de escravidão as parcelas negras se dividiram. De acordo com Wissenbach (1998, p. 56) “por um espaço social comum a outros grupos étnicos da sociedade brasileira”– grupos livres, pobres, mestiços, que “no geral, residiam ou trabalhavam em terra alheia como agregados, moradores ou arrendatários, sem se fixar por muito tempo”.

Negrinha faz parte do conjunto de obras presentes no período de pós-abolição, consequentemente presenciando os primeiros anos de república do Brasil. Posterior a esse marco não houve qualquer colaboração por parte do estado para a realocação, integração ou até extradição da população de ex-escravos. Essa postura adotada pelo governo fez com que os parcela voltasse para as senzalas, já que não tinham como obter sustento pois a sociedade não os aceitavam em outros cargos que não fosse agregados a escravidão, essa fragilidade econômica os submetiam ao ato de submissão aos seus antigos donos por um prato de comida e teto para dormir. Partindo dessa realidade histórica, Negrinha mesmo estando inserida em uma realidade ficcional presenciou tais fatos que ocorriam na vida real dessa maneira tendo uma infância completamente diferente das sobrinhas de Dona Inácia, que nem em seus piores pesadelos poderia imaginar que tais situações poderiam ocorrer com crianças de sua faixa etária.

Apesar de ambas as crianças não terem seus nomes citados na trama as formas de tratamento eram completamente desiguais mesmo ambas contendo a mesma idade, enquanto as sobrinhas de Dona Inácia são descritas como “lindas meninas louras, ricas nascidas e criadas em ninho de plumas” (LOBATO, 1994), Negrinha tinha suas características descritas por apelidos. “Preta? Não, fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças” (LOBATO, 1994, p.1)

Mesmo possuindo a mesma idade as crianças são apresentadas ao público de formas muito diferentes. Ao ligar suas obras aos estereótipos que transmitem uma imagem negativas a pessoas negras e uma positiva a brancos, Monteiro Lobato abrange o ideal branco, que se nutre de ideologias, teorias e estereótipos de superioridade racial. (SILVA, 1989).

Negrinha é atribuída com novas características postas por Dona Inácia:

Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo - não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? (LOBATO, 1994, P.2)

Essas atribuições a Negrinha ainda encontra-se presente em nosso contexto atual e ainda são ouvidas por muitas crianças negras, dessa forma afirma Cavalleiro (2001, p. 145)

Contribuem para um sentimento de recusa às características raciais do grupo negro e fortalece o desejo de pertencer ao grupo branco. [...] Não podemos esquecer de que essa diferenciação representa um problema, pois vigora no país uma hierarquia social. Além do mais, cabe considerar que esses comentários feitos na presença das crianças podem ser por elas interiorizados e reproduzidos nos demais espaços da sociedade. São tratamentos que denotam desrespeito e podem constranger as crianças.

A infância negra, assim como a personagem Negrinha são diariamente expostas a violência contra sua identidade, onde futuramente terão inúmeras dificuldades de construir uma identidade positiva sobre si. “Simultaneamente, a criança branca é ensinada uma superioridade, visto que todo o dia recebe provas fartas dessa premissa” (CAVALLEIRO, 2001, p. 147). A autora também alerta que “é importante despertarmos para o fato de que tais práticas, embora não se iniciem nas escolas, contam com esse ambiente para seu reforço”. (p. 147)

Assim, Negrinha era violentada na sua busca de ser mais, pois como afirma Paulo Freire (2005, p. 86) “qualquer que seja a situação em que alguns homens proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importa os meios usados para esta proibição”.

Portanto, para entender melhor a construção identitária da infância de Negrinha e Narizinho, é preciso analisar o modo como as personagens infantis interagem com as crianças e adultos em suas atividades sociais.

### ***3.2 Negrinha: relações sociais***

O homem molda-se a partir das relações sociais por meio de convivência entre grupos e espaços diversificados inseridos na sociedade. Segundo Cavalleiro (2005), para que ocorra o ato de socialização na fase infantil é necessário que o indivíduo seja exposto a experiências de vida, sendo realizado de forma gradativa atendendo a compreensão de sua respectiva idade. Dessa forma torna-se possível a interação entre crianças e crianças com adultos. Sendo assim as relações estabelecidas pelas personagens infantis com adultos e crianças, podemos assimilar mais sobre a cultura infantil exposta no conto.

Na narrativa , a criança não convivia no mesmo ambiente onde a maiorias dos escravos se encontrava, no entanto recebe de sua cuidadora o pior dos tratamentos

"A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...” (LOBATO, 1994, p.2)

Relata a trama, Dona Inácia é vista como “excelente” pelo seu círculo social, onde rendeu elogios até do próprio reverendo, “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral” (LOBATO, 1994, p.1). Mesmo com seu histórico de maus tratos a seus serviçais e a crianças, não anulam sua fama de boa cidadã perante ao seus círculos de convivência que compartilham de seus mesmos ideais. No entanto, seu comportamento com suas sobrinhas “lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas” (LOBATO, 1994, p.3), é completamente oposto a sua natureza cruel. “relações entre proprietários e empregados, as novas formas de vida privada, ficariam, por muito tempo ainda, tributárias da ordem privada escravista que tinha vigorado por três séculos e meio em nosso território” (ALENCASTRO, 1998, p. 93).

Sendo assim, a relação de Negrinha e Dona Inácia é de constante violência: : “O corpo de negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões” (LOBATO, 1994, p.2). "peste" uma criada, “nome com que a mimoseavam todos dias”, porque lhe roubara um pedaço de carne, é torturada por Dona Inácia, que põe um ovo quente em sua boca. “E antes que o urro de dor saísse, às mãos de Dona Inácia amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse” (LOBATO, 1994, p.2).

Após as infinitas sessões de torturas físicas e psicológicas, a bondosa senhora volta para seu leve descanso à espera do vigário que vinha a visitar. - Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária – mas que trabalhadeira me dá! – A caridade é a mais bela das virtudes, minha senhora – murmurou o padre. (LOBATO, 1994, p.3)

Para Freire (2005), a violência muitas vezes é apresentada de forma doce envolvida em falsa generosidade. Dona Inácia, enquanto opressora, inaugura a violência, o desamor, o terror, a tirania, o ódio e a negação do ser humano, da criança e da infância. Em contrapartida, o cenário muda completamente quando o assunto é referente às suas sobrinhas, o choque de realidade entre as crianças é notório, enquanto sempre teve seus direitos, valores e culturas negados. As sobrinhas foram criadas em berços de ouro usufruindo do melhor que se tem a oferecer.

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial. - É feita? ...- perguntou, extasiada. (LOBATO, 1994, p.4)

As meninas deixam que ela se aproxime e ficam admiradas com seu assombro. "- Nunca viu boneca? " E Negrinha repete: "Boneca? Chama-se boneca?"

" As meninas, depois de rirem-se "de tanta ingenuidade", perguntam o nome da companheira. "Negrinha". Mais risos, e Dona Inácia, comovida, deixa que Negrinha vá para o jardim brincar com "a criancinha de cabelos amarelos... que falava "mamã"... que dormia..." e suas louras donas.

Pela primeira vez a personagem tem permissão para brincar, mesmo com tons de ameaças, sua imaginação liberta-se durante as brincadeiras e finalmente libertando-se de sua prisão psicológica para ser apenas uma criança na multidão.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia que tinha uma alma. Divina eclosão! (...) Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa - e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! (LOBATO, 1994, p.5)

E com a partida das crianças e sua vida volta ao “normal” Negrinha entra em estado de definhamento e acaba falecendo em sua esteirinha. Negrinha não percebia que não tinha alma, a sociedade a considerava sem alma na própria história o autor narra que Dona Inácia não considera negro como gente. Enquanto em outra realidade as louras sobrinhas de Dona Inácia

mal recordariam daquela criança da fazenda de sua tia, pois retomariam suas atividades longe dali com vida repleta de conforto e mimos longe toda violência presenciada e vivida um dia por Negrinha sem direito a falas e reclamações.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao expor por meio de sua escrita personagens que remetem a infância de meninas negras e brancas, Monteiro Lobato tira da obscuridade questões sociais, culturais, políticas e étnico-raciais que abrangem inúmeras possibilidades discursivas, assim como duas representações sociais sobre essas duas facetas da infância.

A obra “Negrinha” (1920), delata a supremacia de poder em cima da infância usurpada de grande parte de crianças negras que estavam em terra brasileiras, onde foram expostas a exploração, maus tratos e escravidão doméstica. A trama mostra um momento histórico onde a escravidão havia sido abolida perante as leis porém, não dos costumes dos senhores que ainda mantinham trabalho escravo, onde o “certo” senhores assim como Dona Inácia ainda era aquele cenário de escravidão. A ideologia da ex-senhora de escravos choca-se violentamente com a nova ideologia decretada no dia 13 de maio. De acordo com a obra, a personagem Negrinha é apenas uma criança e é dessa forma que ela é apresentada ao público. É válido ressaltar que o processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social, pois “os sistemas de representação são os sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros” (HALL, 2003, p.169).

Assim, as representações sobre a infância de crianças negras e suas práticas culturais não se explicam sozinhas, isto é, não se elucidam sem pensar na sociedade que as fundamenta e as cria, pois, é importante enfatizar a função política das representações como sendo a tentativa de legitimação de uma ordem com a sanção de um regime de dominação e a contraposição a essa tentativa pelo grupo “subordinado”. (NASCIMENTO, 2009).

A opção pelo estudo da história étnico-cultural da infância a partir das crianças “Sobrinhas” e “Negrinha”, personagens femininos presentes na obras de Monteiro Lobato, nos possibilitou o melhor entendimento da história da infância no Brasil tendo em vista os conflitos identitários, étnico-raciais e culturais que marcam também a história da infância e das crianças no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **“Vida privada e ordem privada no Império”**. In: História da Vida Privada no Brasil/ coordenador geral da coleção Fernando A . Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, p. 93.
- ALMEIDA, A. Dicionário; BEHAR, E. Vultos; CAVALHEIRO, E. Monteiro; COELHO, J. Dicionário; CONG. BRAS. ESCRITORES.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.
- COSTA, Emília Viotti. **A abolição**. 9. ed. São Paulo: Unesp, 2010.
- DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem histórica e pitoresca ao Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- DEL PRIORE, M. (Org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. **O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império**. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 84-106.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 52. ed. São Paulo: Global, 2013.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.
- GÓES, José; FLORENTINO, Manolo. **Crianças escravas, crianças dos escravos**. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2018. p. 407-436.
- JANGO, Caroline Felipe. **“Aqui tem racismo”: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola**. São Paulo: Livraria da Física, 2017.
- LOBATO, Monteiro. Negrinha. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NASCIMENTO, Washington Santos. **A Importância da teoria das representações sociais para os estudos étnico no Brasil: balanço teórico cultural**. Disponível em: <http://www.google.com/search?hl=pt BR&rls=com.microsoft>. Acesso em: 08 novembro de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.**— Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira.

OLIVEIRA, M. C. S. **Lembranças de infância: que história é esta?** (Dissertação de Mestrado). Piracicaba: UNIMEP, 1999.

SILVA, Ana Célia da. **Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível I.** Projeto de pesquisa. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, nº 63, 96-98, São Paulo, 1989, p.96-98.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Da Escravidão à liberdade: Dimensões de uma privacidade possível.** In: Novais, Fernando A. (coord.) e Sevcenko, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 56.